# *Introdução*

Tornou-se praticamente moda os escritores contemporâneos tentarem a sua sorte na reinvenção de clássicos do passado. Já o vimos com heróis literários imortais como James Bond, Jeeves, Poirot e Winnie the Pooh. Trata-se de um fenómeno relativamente recente, embora não no caso de Sherlock Holmes, em que tal prática é quase tão antiga quanto o *franchise*. Vale a pena tentar perceber o que estará na origem disso.

Sabemos, mesmo que gostemos de o ignorar, que Sherlock Holmes foi criado por Arthur Conan Doyle, um oftalmologista escocês a passar por dificuldades que se lançou na ficção para compensar o insucesso a atrair pacientes para o seu consultório. Conan Doyle nunca pensou, nunca *poderia* ter adivinhado, que a primeira história de Sherlock Holmes que escreveu, *Um Estudo em Escarlate*, publicada no número de 1887 da *Beeton's Christmas Annual*, iria catapultá-lo para o sucesso em poucos anos e dar às personagens criadas fama literária mundial, quiçá sem paralelo na História. Pode dizer-se que Dickens antes dele e J. K. Rowling depois ascenderam a semelhante pico de fama estonteante, mas não me ocorrem outros escritores que lá chegassem. As personalidades e características de Holmes e Watson tornaram-se tão familiares como amigos e parentes das gentes do período final da Era Vitoriana. Tinha leitores por todo o mundo, e espalhados por todas as idades e classes sociais.O próprio Conan Doyle — frustrado com o forte incómodo daquilo que achou ter-se tornado uma espécie de fardo que trazia pendurado ao pescoço — matou a sua criação, levando Holmes

aparentemente a cair para a morte nas cataratas de Reichenbach, na Suíça, puxando com ele para as troantes quedas-d'água o seu arqui-inimigo Moriarty. A indignação pública foi rápida e avassaladora. Homens e mulheres adultos choraram copiosamente, foram usados fumos negros nos braços, e inúmeros leitores zangados escreveram cartas insultuosas aos editores de Conan Doyle, à *Strand Magazine* e ao próprio Conan Doyle. A contragosto, cedeu à pressão pública (e a incentivos financeiros aos quais foi ainda mais difícil resistir) e «desenterrou» uma história cuja ação decorria antes de Holmes mergulhar no abismo — *O Cão dos Baskervilles*. Mas, com a revolta a manter-se, por fim ressuscitou o seu herói em *O Regresso de Sherlock Holmes*, abrindo alas a uma nova série de contos e a um romance, *O Vale do Medo*. Continuaria a escrever aventuras de Sherlock Holmes até 1927, embora sem nunca situar qualquer história para lá das vésperas da Primeira Grande Guerra.

Ao longo da sua vida, foram produzidas peças de teatro (ele próprio colaborou na primeira) e filmes mudos, e após a sua morte em 1930 a grande caravana holmesiana pós-Conan Doyle ganhou e partiu a todo o vapor.

Ora bem, devem ter em conta que o corpo de trabalho de Sherlock Holmes escrito pelo próprio Arthur Conan Doyle é tratado pelos sherlockianos como «o Cânone» (por coincidência e de forma engraçada, um anagrama de Conan, em inglês). O Cânone inclui quatro romances e cinco coleções com cinquenta e seis contos. No total, há sessenta histórias canónicas.

Quantas mais foram escritas desde então? Creio que é impossível contar. Sei que eu próprio escrevi uma (ainda em circulação, incluída na extraordinária coleção dos meus ensaios, artigos e textos diversos publicada em 1992 com o título *Paperweight*. Altamente recomendada). A corrente de reinvenções sherlockianas que veio a tornar-se uma torrente, e que inclui a maravilhosa antologia que segura neste preciso momento nas suas mãos, remonta (ignorando as paródias e os pastiches que foram surgindo) ao filho de Conan Doyle, Adrian Conan Doyle, que, a par do grande escritor de mistério da Idade de Ouro John Dickson Carr, escreveu uma coleção de novas histórias sob o título *The Exploits of Sherlock Holmes*. A elegante e feliz premissa destas histórias era contar as estórias completas de aventuras a que Watson só

*alude* tentadoramente no Cânone. De facto, trata-se de um dos hábitos mais encantadores de Watson fazer referências de raspão a casos como «a morte súbita do cardeal Tosca — uma investigação que ele levou a cabo segundo o desejo expresso de Sua Santidade, o Papa»; ou o mistério de James Phillimore, «que, ao regressar a casa para ir buscar o guarda-chuva, nunca mais foi visto à face da Terra»; ou também «a sua detenção de Wilson, o famoso treinador de canários, que pôs fim a uma praga no East End londrino».

Adrian Conan Doyle e John Dickson Carr podem ter esgotado o rico e encantador filão com os seus dois volumes de *Exploits* e *Further Exploits*, mas estava em curso a corrida ao ouro, a debandada, e surgiram cada vez mais paródias, pastiches e homenagens de escritores de todo o mundo. Em todos os média, como é evidente. Os filmes de Hollywood de Basil Rathbone/Nigel Bruce começaram em 1939 com o canónico *O Cão dos Baskervilles*, mas depressa encaminharam Holmes e Watson para todos os tipos de cenários modernos. Nos anos 1940, a dupla cumpria o seu dever pela pátria enfrentando os nazis. A Propriedade Conan Doyle mostrou abertura para permitir e autorizar tais variações, que depressa se tornaram uma parte estabelecida e legitimada de todo o universo Sherlock Holmes, que entre 2014 e 2023 perdeu os direitos de autor e entrou no domínio público. *The Seven--Per-Cent Solution*, romance de 1974 de Nicholas Meyer, é por norma reconhecido como o primeiro bom pastiche, imaginando um encontro entre o grande analista do crime, Sherlock Holmes, e o grande analista da mente, Sigmund Freud. Em 1976, surgiu uma versão cinematográfica recheada de estrelas, em Portugal intitulada *O Regresso de Sherlock Holmes*, apresentando Nicol Williamson como um brilhantemente tenso e nervoso Holmes, Robert Duvall enquanto um… hum… Watson com um sotaque interessante e Laurence Olivier como um atormentado e maltratado professor Moriarty.

Não necessitam que apresente uma lista de adaptações para televisão, cinema, banda desenhada e videojogos que se espalharam pelo mundo. A maioria dos sherlockianos com quem já me cruzei citaria, tal como eu, Jeremy Brett como o seu Holmes preferido, mas também será de achar que haverá sempre um novo tipo de Sherlock para cada idade.

Tive a honra de interpretar Mycroft, o irmão de Sherlock, em *Sherlock Holmes: Jogo de Sombras*, de Guy Ritchie. Os seus dois filmes, com Robert Downey Jr. e Jude Law a fazer de Holmes e Watson, revelaram-se altamente não-canónicos, mas também altamente divertidos. Tive também o prazer de ler todo o Cânone para a Audible… setenta e duas horas de escuta que têm à disposição.

Representar Mycroft, ler essas histórias e a publicação já referida do meu próprio pastiche de Holmes foram para mim momentos de grande felicidade. O concretizar do sonho de uma vida. O encerramento de um círculo muito estranho.

Posso dizer, sem qualquer receio de ser acusado de exagero, que Sherlock Holmes alterou e determinou o curso da minha vida.

Permitam-me que explique.

Desde muito novo que me senti enfeitiçado pelas histórias de Sherlock Holmes. Li e reli avidamente todo o *corpus* de histórias, com aquela ânsia e desejo de posse pelo detalhe que um verdadeiro sherlockiano leva para o seu consumo do Cânone. Não tardei a tornar-me membro da respeitável Sociedade Londrina de Sherlock Holmes, sendo à data o elemento mais novo. Esta instituição excentricamente aristocrática (pelo menos à época: hoje, é tudo muito diferente) contava com lorde Gore-Booth enquanto presidente e com o marquês de Donegal como editor da revista, a *Sherlock Holmes Journal*. Logrei obter permissão do diretor do meu internato para sair da escola por um fim de semana, viajar de comboio até Londres e assistir a uma reunião da sociedade, na qual era suposto ler um ensaio. O tema do meu trabalho? Bem, em certa ocasião eu reparara com entusiasmo nos paralelos entre a descrição facultada por Sherlock Holmes sobre o professor James Moriarty («É extremamente alto e magro, a testa arqueia numa curva branca e os olhos são tremendamente encovados») e a descrição de T. S. Eliot de Macavity, o Gato Misterioso (… tem os olhos encovados. A testa é bastante vincada pelo pensamento, a cabeça altamente abaulada). A Sociedade revelou-se bastante amável ao permitir que eu abordasse este assunto: qualquer tolo poderia perceber que Eliot baseara completamente o seu Macavity em Moriarty. Não era novidade para ninguém. Achei ter descoberto um grande segredo literário. Seja como for, a sessão correu bem, mas não foi assim com o que se seguiu.

Fiquei em Londres, instalando-me em cinemas desde o amanhecer até à meia-noite a assistir a imensos filmes. Quando despertei para a realidade e me enfiei num comboio de regresso à escola, três dias mais tarde do que o acordado e aprovado, descobri que fora dado como oficialmente perdido. Os meus pais e a polícia foram avisados e estavam em curso as buscas. O caso era extremamente grave, e chegou a minha hora. A escola expulsou-me. Essa expulsão levou a outras expulsões e desastres, culminando com uma ida para a prisão. Não vou entrar em grandes detalhes. *Moab Is My Washpot*, o primeiro volume da minha autobiografia, ainda circula por aí alegremente, tal como *Paperweight*, e lá é possível ler toda a história. Não se arrependerão.

Seja como for, todos estes tumultos acabaram por me levar a pensar melhor e a mudar de vida, tentando entrar em Cambridge, a universidade pela qual nutrira um carinho especial. Entrei lá, onde conheci o meu amigo Hugh Laurie (que uns anos mais tarde desempenhou House, um papel televisivo que era um simulacro de Holmes — um médico especialista em diagnósticos frio, racional e viciado em drogas, dotado das mesmas técnicas dedutivas analíticas do frio, racional e viciado em drogas Holmes, mas no caso de House usando os seus talentos para resolver mistérios médicos, não criminais), e dei por mim a seguir o rumo da escrita e da representação, que desde então preencheram a minha vida. Nada disto teria acontecido sem aquele fim de tarde no início dos anos 1970 na Sociedade Sherlock Holmes e a respetiva cascata de consequências.

Mas ainda não respondi à pergunta mais pertinente. *Porquê?* Porque é que estas personagens — Holmes, Watson, Sra. Hudson e Mycroft (a par do triste elenco de profissionais trapalhões, céticos e admiradores devotos da Scotland Yard) — parecem atrair muito mais do que outras criações de ficção e a reinvenção de histórias? E porquê o Jogo? De onde veio *isso*? Devo explicar que o Jogo é aquilo a que os sherlockianos chamam tradição da erudição holmesiana que assume com grande seriedade que Holmes e Watson eram *reais* e viveram realmente no número 221B Baker Street, e que tudo sobre o que Watson escreve (apesar dos seus imensos erros em termos de consistência e continuidade) *aconteceu* efetivamente em termos históricos. A Sociedade Londrina de

Sherlock Holmes, os Irregulares da Baker Street (o grupo americano que alega ser o primeiro clube de fãs literário) e muitos outros grupos, autores, académicos e críticos continuam a falar e a escrever sobre Holmes sob as regras do Jogo. A magistral obra de Leslie Klinger em três volumes *The New Annotated Sherlock Holmes*, publicada na primeira década do século XXI, mostra como seguir as regras do Jogo pode enriquecer e desenvolver a experiência de ler as histórias, enraizando-as no seu contexto e trazendo mais pormenor e credibilidade.

Contudo, insisto: *porquê?* Tal não sucedeu com Poirot, padre Brown ou lorde Peter Wimsey. O que têm de tão especial os residentes da Baker Street?

Bem, podemos começar pela declaração absolutamente inegável de que Sherlock Holmes é uma das personagens ficcionais mais completas e duradouras alguma vez criadas. Muito rapidamente, a sua personalidade complexa e bem traçada, os pormenores do seu intelecto, os seus modos, as suas vestes, os seus hábitos, os seus apetites, técnicas e métodos combinaram-se para lhe criar um lugar na consciência pública de um tipo nunca antes visto na literatura. Tal como a deusa grega Atena, ele pareceu ter surgido absolutamente formado na mente do seu criador.

Experimente este joguinho com amigos: que personagens ficcionais em toda a História são mais identificáveis quando apresentadas apenas em silhueta. Se o Pequeno Vagabundo de Charlie Chaplin conta como personagem ficcional, é sem dúvida uma delas. A Criatura de Frankenstein? Sim. Super-Homem e Batman? Provavelmente. Gandalf? Suponho que aquele chapéu estranho iria denunciá-lo. Rato Mickey? Naturalmente. A poupa de Tintin pode destacá-lo — tal como, quiçá, os capacetes de Astérix e Darth Vader. Hamlet? Apenas se a silhueta segurasse um crânio.

Atrevo-me a dizer que os leitores seriam capazes de enumerar mais uns quantos, mas tenho a certeza de que nenhuma representação plana e preta será tão instantaneamente reconhecível a nível global como o perfil de falcão de Sherlock Holmes. O chapéu de caçador de veados e o cachimbo curvo bastam. Nem é necessário alargar o espectro para incluir a lupa e a capa opcional.

Além do mais, e por falar em alargar o espectro, a maioria dos outros ícones são conhecidos por as suas imagens terem sido criadas por via de filmes ou artes gráficas, não numa página escrita. Quando pensamos em Gandalf, pensamos em Ian McKellen. A Criatura de Frankenstein — com o devido respeito por Robert De Niro e Jacob Elordi — só é inconfundivelmente conhecida pela representação de Boris Karloff com o parafuso que atravessa o pescoço. Portanto, excluindo as personagens de Hollywood e de banda desenhada, parece efetivamente que Sherlock Holmes é claramente a criação humana ficcional mais reconhecível. Não quero com isto dizer que Hollywood e os livros de banda desenhada não reforçaram e aprimoraram a imagem — tal como os rebuçados, as chicletes, os biscoitos, os ioiôs, as pastilhas *Pez*, as marionetas, as bases de rato, as luvas de forno e toda a enxurrada de bugigangas sherlockianas que varreu o mundo nos últimos cem anos.

Mas o essencial é o mundo de Holmes ser tão vívido, tão *tangível*. Toda a gente que leu nem que fosse um punhado de histórias terá uma imagem clara das divisões da Baker Street, da lareira com «VR» patrioticamente perfurado com buracos de balas na parede acima, o chinelo persa recheado com tabaco, os tubos de ensaio, o estojo do violino, as estantes onde está enfiado o inestimável Índex, o suporte para cachimbos, a janela embaciada, o *clac-clac* de carruagens lá fora na rua, o rangido do pé de um cliente no degrau… todos temos as nossas imagens, sem dúvida vincadas ou modificadas por inúmeras adaptações de filmes e séries, mas inconfundivelmente reais. Tão reais, na verdade, que até no momento em que estavam a ser escritas e publicadas essas histórias, dezenas de milhares de pessoas por todo o mundo comportavam-se como se Holmes e Watson efetivamente vivessem e respirassem. De pontos tão distantes como o Japão e a América do Sul chegaram cartas endereçadas ao 221B Baker Street implorando pela ajuda de Holmes. Alguns até escreveram para o Palácio de Buckingham e para Downing Street para convencerem o rei e o primeiro-ministro a concederem a Sherlock Holmes o título de Cavaleiro. Arthur Conan Doyle já recebera o seu e legiões de cidadãos entusiasmados, que de alguma forma deveriam ter compreendido que *Sir* Arthur era o verdadeiro criador e autor, ainda assim consideraram vergonhoso que *ele* recebesse a honra quando o

génio que o inspirara e alcançara todos os resultados, Sherlock Holmes, fora ignorado. Quando eu era criança, os gabinetes da Sociedade de Construção Abbey Road, situados onde deveria ser o n.º 221B Baker Street, ainda recebiam semanalmente dezenas de cartas pedindo ajuda com gatos perdidos, mortes suspeitas, carteiras roubadas, cônjuges desaparecidos…

Se letrados altamente instruídos podem tratar Holmes como se ele fosse real e chamar a isso o Jogo, deveríamos troçar daqueles que também, e à sua maneira, preferiram encarar isso como verdadeiro? Não é tudo isto um testemunho das qualidades únicas de Conan Doyle como criador e da grande credibilidade das suas descrições?

Sem dúvida, enquanto outras personagens literárias eram e ainda são discernidas de forma difusa através dos seus criadores, desde o início Holmes apareceu na mais alta resolução (intensificada pelos desenhos de Sidney Paget), de forma tão clara e independente que seria fácil aceitar como errada a ideia de haver sequer um criador, um escritor a dar-lhe vida pela pena.

Todavia, penso que há outro motivo para a espantosa ligação estabelecida desde o início por Holmes com o público e que se mantém em toda a multiplicidade das suas encarnações atuais. Trata-se da *necessidade*. O mundo necessitava dele em 1887 e o mundo necessita dele hoje.

Com o grande crescimento da literacia desde meados do século XIX em diante, parece inevitável que surja um novo tipo de ficção para tentar resolver o enigma da recém-chegada Grande Cidade — muito em especial Londres, de longe a maior do mundo. A dimensão assombrosa da sua metrópole, os seus recantos impossivelmente intrincados e misteriosos, toda a grandiosidade e toda a miséria tão confusamente contíguas, a pura massa de humanidade a fervilhar, empurrando-se e roçando uns nos outros — a tal escala, era algo completamente novo na História do mundo. Na Antiguidade, quando temíamos animais selvagens e atos inexplicáveis de Deus, criávamos heróis para chacinar dragões e sacerdotes para aplacar imortais. O que a Revolução Industrial e a sua urbanização maciça sem precedentes exigiram foi um tipo diferente de herói, um mediador secular. A sociedade humana estava a transformar-se, passando de uma hierarquia compreensível para uma rede desconcertante. Do ponto de vista estrutural, poderia

ser encarada como uma grande rede, interligada e complexa, dominada apenas pelos suficientemente sensíveis para compreender, tocar, sentir e identificar cada nó e vibração nos filamentos. Na verdade, por um Sherlock Holmes.

Hoje em dia, estamos tão habituados ao conceito de vida urbana que talvez não nos ocorra que a primeira geração a vivê-la pode facilmente ter-se sentido confusa, assustada e baralhada. Dickens fora o primeiro a anatomizar o fenómeno com alguma profundidade e compreensão reais, em especial em *A Casa Abandonada*, com o seu famoso retrato de Londres sob o nevoeiro e a sua espantosa revelação de linhas narrativas aparentemente díspares unindo classes sociais aparentemente díspares. Linhas que, com o decurso da história, são traçadas por um dos primeiros detetives do mundo da ficção, o inspetor Bucket, da Yard — o primeiro Teseu da labiríntica Londres.

Ser revelado aos leitores vitorianos que havia um rumo por entre o nevoeiro, por entre o dédalo de vielas, um caminho para fora do labirinto, o esclarecimento do mistério… ali estava algo que a ficção popular podia oferecer, efetivamente, pela primeira vez. No caso de Sherlock Holmes, a luz veio da razão, da ordem e do método. Tal como os primeiros gregos necessitaram de um Hércules, de um Teseu ou de um Jasão para defenderem heroicamente a Humanidade da ameaça de monstros e maldições, também a nossa civilização necessitou de um Sherlock Holmes para defender heroicamente a Humanidade da ameaça do crime, do caos e do mistério. Londres e a sua mescla de majestosidade e miséria não era um caso perdido. Holmes estava lá. Não admirava que muitos desejassem que fosse real e não uma personagem fictícia.

E, claro, depois de Holmes brotaram dez mil novos detetives, todos com as suas particularidades, as suas formas especiais de resolver mistérios e apanhar monstros. Mas também surgiu uma estranha estirpe de heróis do século XX que ofereciam uma promessa semelhante de trazer luz e ordem às trevas e ao caos da modernidade, mas, no caso deles, sem se incomodarem a pensar demasiado. Refiro-me, como é evidente, aos «super» heróis da banda desenhada e do cinema. O nosso lado infantil (e nunca houve uma era na nossa História como a nossa que encorajou e acarinhou tanto a nossa criança interior) parece ter

abraçado a magia, a capacidade de voar, a invisibilidade, a visão raio X, a capacidade de formar tempestades e todos os tipos de superpoderes que são muito mais fáceis de imaginar e apresentar, e também mais fáceis de assimilar, do que a observação perspicaz e precisa, a verdadeira imaginação e o poder mental com o qual cada grande detetive como Holmes promete resolver os problemas do mundo.

Ainda assim, parece-me justo sugerir que Super-Homem e Batman, por muito improvável que possa parecer, seguem as passadas do grande detetive e devem-lhe a existência. Ele foi sem dúvida o primeiro Cruzado de Capa, por muito que a sua capa fosse tecida em bom *tweed*. Eles, tal como ele, responderam a uma necessidade.

Uma outra questão é perceber a razão para tantos passarem de valorizar os poderes reais e alcançáveis exibidos por Holmes — alcançados através de autoaprendizagem, estudo e treino — a valorizar os superpoderes mágicos imaginários, imerecidos e adquiridos por acaso. Mas, felizmente, o apetite por Holmes e pelo talento da dedução real também não diminuiu. Afinal, podemos ter ambos os tipos de heróis. Só na televisão, para cada Super-Homem e Deadpool, sempre houve — tal como um novo Sherlock Holmes a cada nova geração — um Columbo, um Monk ou um Ludwig a reafirmar o poder sherlockiano e a reestabelecer o primado da mente sobre o caos.

A par dos estranhos, assustadores, mas, por norma, familiares crimes e escândalos que a cidade vitoriana ocultava, surgiram novas ameaças à ordem. Tal como muitos vitorianos enérgicos e incansáveis, Conan Doyle manifestava interesse por tudo. Essa curiosidade devoradora revela-se desde logo na primeira aventura de Holmes, *Um Estudo em Escarlate*. A história lida, como parte do seu contexto, com questões internas da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, ou mórmones. Grande parte dos detalhes sombrios dos primórdios da igreja seriam uma absoluta novidade para um leitor vitoriano. Conan Doyle veio a explorar em histórias posteriores outras sociedades fechadas, apresentando quiçá pela primeira vez ao leitor comum a Máfia, o Ku Klux Klan, os fora da lei do interior australiano, os gângsteres, a agência de detetives Pinkerton e os primeiros sindicatos americanos corruptos.

A acolhedora Londres iluminada por candeeiros a gás com as suas charretes, polícias imperturbáveis e nevoeiro reconfortante que

associamos à Baker Street de Holmes é, como tal, misturada destramente com frequência com aquilo que para os leitores britânicos seria na altura considerado exótico, novo e assustador.

O próprio Holmes tem os seus mistérios. Pode revelar-se frio e aparentemente insensível; pode parecer presunçoso e condescendente; tem pouca paciência para pessoas que alcançaram menos feitos do que ele — ou seja, toda a Humanidade; aborrece-se demasiado facilmente com o vulgar e deixa-se tentar demasiado facilmente pelas drogas e por uma vida de reclusão e antissocial. Mas é também leal, e raros vislumbres de emoção provam que se preocupa profundamente com a amizade e com o que é correto. Socialmente, não é snobe — fascina-o sobremaneira tudo o que é humano. Acredita mais na justiça do que na lei. Pode ser também extremamente bondoso e quase terno. Há sinais convincentes de alterações de humor que levaram alguns a sugerir um diagnóstico de transtorno bipolar. Seja qual for o modo com que se olha para ele, será de concordar que, tanto quanto os vitorianos necessitavam dele, também nós necessitamos.

A sua famosa lupa e o inseparável hábito de rastejar de gatas no local de um crime como um cão de caça foram a primeira, total e mais clara explicação à generalidade do público da ideia de que os mais minúsculos pormenores podem contar uma história, podem revelar a narrativa de um local do crime e encaminhar-nos inevitavelmente para os seus autores e vítimas. A cinza do charuto de Holmes, as pegadas e as partículas reveladoras quase invisíveis são as precursoras do ADN mitocondrial, das partículas epiteliais e das microfibras dos laboratórios forenses, e a sua lupa dá lugar ao atual microscópio eletrónico de varrimento. Mas os princípios são basicamente os mesmos. É por isso que ele é o espírito inspirador por detrás de cada operacional CSI e a razão para que a moderna base de dados da Scotland Yard (a Home Office Large Major Enquiry System[1]) tenha iniciais que formam o nome HOLMES. Janice Hallett, uma das autoras que contribuíram para a antologia em que está prestes a mergulhar, pega neste último facto e transforma-o numa história de maravilhamento e originalidade.

[1] Pode traduzir-se por Sistema de Investigação de Casos Graves do Ministério da Administração Interna. [*N. da T.*]

O que me traz finalmente a esta coletânea. A sua qualidade prova que a mina Holmes e Watson ainda brilha com veios de ouro lucrativos.

As histórias são uma mistura cativante de aventuras holmesianas maravilhosamente diversificadas. Algumas têm lugar nos tempos originais de carroças de cães e nevoeiro, outras decorrem na loucura dos tempos atuais. Uma história leva Holmes e Watson à Índia Imperial e à corte de um marajá; outra, às Terras Altas da Escócia. Temos a maravilhosa Sra. Hudson soberbamente em destaque numa das histórias, e, noutra — sem revelar muito —, Holmes dá por si uma vez mais a enfrentar *a mulher* Irene Adler. Kate Mosse recupera extraordinariamente a heroína de «A Aventura das Faias de Cobre», enquanto a história de Joe Hill «Um Exercício Sobre Homicídio» apresenta um vilão tão sinistro, tão assustador, tão genuinamente aterrador que só posso esperar que regresse — como ameaça que o fará a Holmes — numa história posterior. Por seu lado, Anthony Horowitz propõe um conto tipicamente hábil e seguro que, tal como o favorito canónico «O Carbúnculo Azul», combina um mistério engenhoso com o calor animador de um Natal vitoriano.

O que todos têm em comum é o talento e o prazer com que equilibram a diversão de encontrar coisas completamente novas e surpreendentes para fazer com Holmes e a recriação deliciosa do que mais adoramos nele e no seu mundo: a personalidade e os modos, as deduções astutas, o companheirismo com Watson, a emoção da perseguição.

Suponho que há uma possibilidade de alguns de vocês — uma minoria, estou certo, mas importante — depararem com este livro sem nunca terem lido qualquer história de Sherlock Holmes. Não duvido que vos levará à descoberta dos originais de Conan Doyle, assim como de alguns contributos subsequentes para a literatura, e talvez — quem sabe? — a contribuir com as vossas próprias e novas aventuras de Holmes para uma futura antologia.

Tal como Londres e o alargado mundo humano, o mundo de Holmes e Watson é um trabalho em andamento contínuo, capaz de ser modernizado e reinventado de inúmeras formas, mas na base de tudo isso está completa e eternamente o seu eu nobre e magnífico.

Stephen Fry

# O Mistério de Glentorrance

Abir Mukherjee



# I

Dezembro. Um vento cortante vergastava as ruas. Eu e o meu companheiro de sempre destes últimos anos, Sr. Sherlock Holmes, demos por nós em Inverness, nas Terras Altas da Escócia, num velho lugar pitoresco chamado Urquhart Arms. Lá fora, o dia, como dizem os escoceses, estava *dreich*, a neve espessa e a temperatura em queda.

O hotel poderia ser acusado de induzir à depressão, com as suas correntes de ar, candeeiros tremeluzentes e móveis assolados por traças.

Contudo, Holmes não dava importância a tais trivialidades e preferia aquecer-se no calor da lareira que ardia na grelha do seu quarto.

Demos por nós lá devido a um caso de natureza delicada, que envolvia nada mais nada menos do que o soberano, embora, como poderão imaginar, para não pôr em causa a segurança do reino, não tenha a liberdade de revelar os pormenores desse caso; basta dizer que, apesar de eu desejar regressar o mais depressa possível a Londres, Holmes era de opinião diferente.

— Uns dias em Inverness vão fazer-nos muito bem, Watson — anunciou. — O ar é frio e puro, e muito propício à clareza.

— Até pode ser verdade — reagi. — Todavia, e falando por mim, parece-me mais propício à pneumonia.

Lançou-me um olhar de desilusão.

— Uma pena, Watson — disse, puxando mais uma fumaça no seu cachimbo —, tendo em conta que em breve teremos motivo para lá nos aventurarmos de novo. Observe. Aproxima-se um visitante, que acredito ocupar um cargo oficial.

Efetivamente, pouco depois ecoou lá fora no corredor o som de passos, seguido de pronto por uma batida à porta. Holmes apontou para lá.

— O nosso convidado veste um sobretudo grosso. Lã húmida, a julgar pelo odor, e botas com tachões. — Um sorriso apossou-se dos seus lábios. — *Ele*… pois pela passada é quase de certeza um homem, e muito provavelmente um polícia, não veio de carruagem. Terá percorrido uma boa distância a pé, o que sugere que veio de comboio de fora da cidade, muito provavelmente na composição que chegou a Inverness às oito menos dezasseis. Será de o convidarmos a entrar?

Sabia muito bem que mais valia não questionar Holmes quando fazia observações tão precisas e, efetivamente, naqueles tempos recusava-me obstinadamente a fazer perguntas, pois tal servia apenas para lhe afagar o ego.

Holmes mandou entrar o nosso visitante; a porta abriu-se, e ali estava um cavalheiro corpulento com um bigode cerrado e uma postura rígida. Sobre o sobretudo e botas, viam-se vestígios de neve.

— Senhor Holmes?

— Não sou eu — esclareci. — Chamo-me Watson. — Apontei para o meu amigo. — Aquele é o seu homem.

E o cavalheiro, ao redirecionar o olhar, assentiu em agradecimento.

— Senhor Holmes, sou o inspetor Roderick Mackintosh, das forças policiais das Terras Altas. Vim pedir-lhe ajuda.

Holmes pousou o cachimbo na cornija da lareira.

— Entre, por favor, caro senhor.

Mackintosh entrou para a luz, revelando um rosto rosado do frio. Fechou a porta com força depois de entrar.

— Sinto-me profundamente aliviado por o ter encontrado, senhor Holmes. Se é verdade o que dizem os jornais, será possivelmente o único homem no reino que poderá ajudar-me. Ocorreu uma morte, um homicídio, para ser preciso, que parece desafiar a lógica e as leis da natureza.

Suspirei só para mim. Tal rogo garantidamente cairia bem ao meu amigo. De facto, notou-se desde logo um brilho no olhar de Holmes.

— Conte-me ao que veio, inspetor — disse ele. — Tratemos para que não tenha sido em vão a sua viagem desde Grantown.

Espantado, Mackintosh fitou-o.

— Mas, como…?

Pelos vistos, este companheiro escocês iria preencher na perfeição a lacuna gerada pela minha decisão de não apaparicar Holmes com perguntas. Holmes detetou uma oportunidade para impressionar.

— Chegou a pé ao hotel, não foi? E pelo estado do seu casaco e das botas, estimo que ao fim de um percurso de cinco, talvez sete minutos. — O tom era o de um professor socrático. Já o ouvira amiúde. O mesmo não se aplicava a Mackintosh, que pareceu devidamente espantado. — Contudo, a esquadra central da polícia de Inverness fica aproximadamente a vinte e cinco minutos daqui… distância que nenhum homem sensato percorreria a pé com tal tempo, em especial tendo em mãos um assunto urgente. Em benefício do tempo e da pele do calçado, teria optado por uma carruagem. — Nesta altura, o meu amigo estava lançado. — Como tal, veio de outro lugar. Um sítio mais longe. Deslocando-se de comboio e chegando à estação de Inverness, que fica perto daqui. Pela hora a que chegou, e assumindo que tenha vindo diretamente para cá…

— Realmente, vim! — interrompeu o estupefacto Mackintosh.

— Sim, bem — disse Holmes, digerindo a sugestão com toda a graciosidade de Menelau a dar pela ausência da sua mulher, Helena —, terá chegado a Inverness nos últimos vinte e cinco minutos, e o único comboio agendado para chegar nessa altura era o das oito menos dezasseis proveniente de Edimburgo. É da Polícia das Terras Altas, pelo que não terá viajado desde essa bela cidade, mas de um ponto mais próximo.

Apontou para uma folha na casa de um botão do sobretudo do homem.

— Aí, no seu casaco, meu senhor, tem um rebento de feto; e dos invulgares. A sua forma e o tom claro amarelo-esverdeado indicam que se trata de *Athyrium flexile*, uma planta nativa de apenas quatro locais, todos centrados nos montes Cairngorm. Um desses locais, Glen Eincih, não se situa longe de Grantown, onde há uma esquadra da polícia e também a referida linha de comboio.

— Tem toda a razão, caro senhor! — exclamou o inspetor.

— E, por fim, temos o seu apelido: Mackintosh. Tendo o clã Mackintosh as suas terras ancestrais nos arredores de Grantown,

deduzi que essa cidade em particular seria muito provavelmente o seu ponto de partida. Mas deixemo-nos de trivialidades. Por favor, sente-se e conte-nos sobre esse crime tão inatural que o trouxe aqui.

Mackintosh engoliu em seco e depois sentou-se na cadeira indicada por Holmes.

— Esta manhã, antes de o Sol nascer, foi encontrado degolado na margem do lago, nas terras da Casa Torrance, o corpo de um tal senhor Alexander Grant, herdeiro das terras de Glentorrance e sobrinho do atual proprietário.

Fitei-o.

— Tais coisas são bastante lamentáveis — comentei. — No entanto, ocorrem ocasionalmente e não vejo no que possa desafiar as leis da natureza ou requerer os conselhos aqui do meu colega, o senhor Holmes.

— Silêncio, Watson — disse Holmes antes de se virar para o inspetor. — Prossiga, por favor.

Mackintosh assentiu.

— Nevou durante a noite, mas parou esta manhã. Só demos com um conjunto de pegadas na direção do corpo… as do próprio Grant. Mais nenhumas. Nenhumas outras na direção do corpo ou a vir de lá.

Holmes endireitou-se na cadeira.

— Apenas um conjunto?

— *Aye*[2], meu senhor. Um único conjunto de pegadas. Só que o homem *foi* assassinado. Nenhum animal poderia ter-lhe cortado a garganta daquela forma. Quem o matou desapareceu como um fantasma. Quando li no jornal que se encontrava por estas bandas, achei que nada teria a perder em procurar a sua ajuda.

Holmes levantou-se da cadeira, com aquele brilho no olhar a revelar-me, infelizmente, tudo o que eu precisava de saber.

— Bem, Watson. Um homem assassinado, o seu assassino a esfumar-se no ar. Um enigma cativante, não acha?

— Claro que sim — disse eu —, e o que poderia ser mais agradável do que uma viagem ainda mais a fundo nas terras selvagens e geladas deste belo país?

Holmes voltou-se para Mackintosh.

[2] «Aye» equivale a «sim», sendo muito utilizado na Escócia. [*N. da T.*]

— Está decidido, caro senhor. Creio que o próximo comboio para Grantown parte em menos de trinta minutos.

# II

O comboio avançava para terras inóspitas cobertas de neve, o céu no alto apresentava-se pardo, refletindo o meu estado de espírito ali sentado a tremer, embrulhado no meu casaco, no cachecol e no chapéu. Holmes, entretanto, como faz por hábito ao viajar de comboio, seguia sentado de olhos fechados, alheado da paisagem e sem dúvida embrenhado num qualquer cálculo secreto que terá julgado fora do alcance da minha compreensão.

Chegámos a Grantown às onze em ponto, recebidos de forma pressagiosa por uma plataforma gelada. Mackintosh chamou o que parecia ser um tratador de cavalos, que nos encaminhou até uma carroça puxada por cães, e, uns minutos decorridos, atravessávamos as ruas sulcadas dos arredores da cidade. O nosso progresso revelou-se, adequadamente, glacial, dificultado pelo gelo e pelos montículos de neve. Uma vez mais, questionei-me quanto ao que me levara a acompanhar Holmes nesta jornada. Também ele pareceu perturbado, mas a sua expressão era de frustração. Por mais de uma vez, perguntou ao carroceiro se não podia ir um pouco mais depressa. No entanto, lá acabámos por transpor um cume para lá do qual surgiram à vista as chaminés fumegantes de uma aldeia e os torreões em arenito de um casarão.

— Glentorrance — anunciou Mackintosh. — Rumemos à Casa Torrance, senhor Holmes, para que o senhor e o doutor Watson possam aquecer-se.

Uma sugestão bastante sensata, pensei. Como é evidente, Holmes não se mostrou minimamente interessado.

— Eu e o Watson preferíamos primeiro examinar o local do crime — disse ele, com a minha preferência a surpreender-me até a mim.

Um quarto de hora mais tarde, alcançámos os terrenos paladianos da Casa Torrance. Brilhavam luzes através das janelas do edifício. Com uma dor de cabeça induzida pelo frio a manifestar-se, lamentei a oportunidade perdida de me pôr diante de um fogo crepitante. Ao fim de mais um momento, contornámos uma esquina delimitada por árvores, com a casa a sumir-se da vista e a aparecer o lago, gelado e tão acolhedor como o Ártico. O condutor fez parar a carroça. Atrás de nós, o carreiro até à casa era uma faixa estreita de neve calcorreada, desaparecendo entre os pinheiros escuros cujos galhos vergavam sob o peso do gelo. O ar estava imóvel, quase quebradiço.

— Vamos, Watson — ordenou Holmes, descendo da viatura. Tenho de confessar que levei um bom bocado a massajar as pernas para acabar com a rigidez e juntar-me a ele.

A margem do lago era uma encosta coberta de neve perfurada por diversos conjuntos de pegadas. Na sua ponta encontravam-se dois homens, ao lado de um objeto deitado de bruços e tapado com o que aparentava ser uma manta escura. Sabia pela minha triste experiência de vida o que jazia por baixo. Senti o coração a falhar. Mesmo ao fim de tantos anos, a visão da morte ainda me entristecia.

Em relação aos homens, um envergava farda de polícia; o outro, um cavalheiro grisalho, vestia um conjunto de *tweeds*. As suas expressões eram tão sérias como a minha.

Holmes apontou para a margem, com a neve intocada, com exceção de um conjunto de pegadas. Para lá destas, a superfície gelada estendia-se por muitos metros. Arrepiei-me ante tal desolação. Um lugar inóspito para a último fôlego de um homem.

Holmes parou abruptamente a uns quinze metros do homem, ruborizando.

— Não! Isso não pode ser! Tenho de pedir aos cavalheiros que se afastem do falecido. E, por favor, pisem apenas os pontos por onde já passaram.

Os homens viraram-se, repreendidos e devidamente espantados. Recuaram, aproximando-se do trajeto que tinham tomado até se abeirarem de nós. Mackintosh tratou das apresentações.

— Senhor Holmes, doutor Watson, permitam-me que vos apresente *Sir* Archibald Grant, senhor de Glentorrance.

O proprietário era um homem magro cuja roupa parecia um tamanho acima, com o rosto vincado por décadas de exposição aos ventos das Terras Altas, ou talvez ao *whisky* escocês. Os olhos estavam raiados de sangue e turvados pela dor.

— Senhor Holmes — disse o proprietário, com a voz a soçobrar —, não sabia bem o que esperar, mas a sua fama precede-o. O meu sobrinho… Alexander… foi-nos tirado da forma mais inatural. — Fez uma pausa, descalçando as luvas e inspirando fundo antes de prosseguir. — A própria neve que deveria revelar o caminho tomado pelo seu assassino regista apenas um conjunto de rastos. Nenhum de nós percebe isto.

Holmes meneou ao de leve a cabeça.

— Caro senhor, encontro-me ao seu dispor, mas devo confessar que prevejo um problema bastante delicado. Se me der licença, gostaria de examinar de imediato o local.

Ainda mal o proprietário anuíra a sua concordância e já Holmes avançava. Eu e Mackintosh seguimos na sua esteira.

— Uma abordagem indireta, Watson. É o que é preciso — disse ele ao descer a leve inclinação até junto do cadáver, tapado por um sudário improvisado.

Enquanto perambulávamos, Holmes parou e espreitou por cima do ombro, para o ponto de onde partíramos.

— Interessante — comentou.Também eu me virei para ver ao que se referia, mas não distingui nada que pudesse ser considerado interessante, a não ser o proprietário, de bengala na mão, a arrastar os pés na direção da casa, com o polícia ao lado.

Holmes retomou os passos até se deter perto do corpo. Ajoelhou-se e puxou para trás o sudário. Alexander Grant jazia estendido de bruços, com um corte tosco e carmesim na garganta, e um jorro de sangue significativo a manchar a neve branca de um dos lados. Senti o estômago ligeiramente às voltas. Enquanto médico e, na verdade, enquanto homem que viu a guerra e as suas consequências em muitas centenas de pessoas, deveria estar habituado a tais coisas, mas ver o homem tão brutalmente chacinado abalou-me profundamente, e senti-me grato, pela primeira vez, por nada ter comido desde que partira de Inverness.

Holmes examinou o ferimento e agachou-se ao lado do homem, observando com atenção o cadáver. Sacudiu um pouco de neve com os dedos.

— Olhe para aqui — disse ele. — Pedacinhos de gelo raspado na bainha da vítima.

Prosseguiu com a inspeção, verificando os bolsos do homem e retirando uma caixa. Espreitei-lhe por cima do ombro, esforçando-me por observar o que estudava com tanta atenção.

— O que é? — questionei.

— Uma caixa de fósforos vazia. Das grandes. Quiçá uma pista — respondeu. — Ou um motivo. Ou talvez apenas uma caixa vazia.

Era o tipo de resposta que teria deixado a Esfinge orgulhosa.

Devagar, voltou a levantar-se, observando o terreno em redor do corpo, e depois olhou para o lago. Acompanhei o olhar dele. Uma película de gelo cintilava à superfície. Manteve-se por momentos em silêncio, após o que se virou e apontou para os rastos na neve.

— Quem encontrou o corpo?

— O caseiro — respondeu o inspetor Mackintosh. — William MacLeod.

Holmes matutou naquilo.

— Pretendo falar com ele. Vai ter de substituir as botas antes do fim do mês — declarou, virando-se então para a cena do crime. — Pelos vistos, tem razão, inspetor Mackintosh. Há quatro conjuntos diferentes de marcas de botas na neve.

— Quatro? — questionei.

— Sim — disse ele, apontando para os rastos. — Veja aqui, Watson. Assumo que estes sejam do dono, do polícia, do caseiro e, claro, da vítima.

Observei com atenção e vi que ele efetivamente tinha razão. Quatro padrões distintos.

— Descontando os três primeiros — prosseguiu ele —, dá a impressão de que a vítima chegou aqui e foi assassinada, estando completamente só.

Senti-me a ser percorrido por um arrepio. Um homem sozinho, assassinado brutalmente por alguém — ou algo — que não deixou rasto.

— Mas como é possível?

Ele virou-se para mim.

— Acha impossível? Acredite em mim, Watson, não é. É meramente improvável. Ou melhor, diabolicamente obscuro.

Apontou para as pegadas de botas que davam até onde se encontrava o morto.

— Estas — afirmou — foram feitas por um homem a caminhar num passo descontraído, certamente não em pânico. E aqui, veja! — Falava agora mais depressa, fazendo as suas deduções enquanto falava. — Estes últimos passos na direção do lago… a passada de repente é mais ampla. E depois aqui estes… passos pequenos, bem vincados no solo. A neve por baixo está mais compactada.

Esforcei-me por acompanhar o passo. Holmes sorriu. Como se algo tivesse encaixado no devido lugar.

— Repare também que não há sinais de luta. Um passeio pacato, com um fim abrupto.

— Mas ele não cortou a *própria* garganta — protestei, ao que Holmes me lançou um olhar fulminante.

— Não, doutor. Com certeza que não. — Apontou para o jorro de sangue que mosqueava a neve. — Veja, ali. A direção e o volume dos salpicos, e ali, o ângulo, a profundidade, a direção e a clara irregularidade da incisão no pescoço da vítima. Todas as provas apontam para um ataque, vindo da esquerda, por parte de alguém mais baixo do que a vítima, ou possivelmente agachado, calculo. É impossível ter a certeza, embora provavelmente sugira a primeira possibilidade. Sim, um homicídio executado por alguém com um equilíbrio notável e um nível de força surpreendente, a não ser…

Examinou uma vez mais as pegadas e depois desviou-se meio passo até ao limite da água gelada e depois até ao gelo.

— Vamos, Watson, despache-se.

Segui-o com uma certa agitação e com a dor de cabeça a intensificar-se. O inspetor Mackintosh ficou para trás. Uns passos mais adiante, Holmes agachou-se.

— Ali! Veja!

Curvei-me, nada vi e isso mesmo lhe referi.

Voltou a erguer-se e sorriu.

— Precisamente!

Avançou ainda mais para o gelo.

Eu começava a sentir-me profundamente farto de tudo aquilo.

— Holmes, tem a certeza de que este gelo aguenta o nosso peso?

— Tenha calma, Watson — respondeu. — Não corre perigo.

*Não corre perigo.* Recordei que dissera algo parecido em relação à ponte de corda que atravessámos na Boémia. O desfecho não foi famoso.

— A-ha — exclamou. — Aqui está!

— Aqui está o quê? — questionei.

— Aqui, este pedaço de gelo. — Apontou para uma área pequena irregularmente circular, distinta do gelo em redor. — É mais fino do que o resto. Congelou recentemente, ou melhor, voltou a congelar. Alguém cortou aqui o gelo.

Agachou-se, mas ao fazê-lo ouviu-se um estalo forte. Holmes ergueu-se rapidamente e recuou um passo no preciso momento em que o gelo ao lado dele cedeu.

— Raios! — exclamou. — Parece que teremos de fazer isto da maneira mais difícil. Que horas são?

Peguei no meu relógio de bolso.

— Uma e doze.

A minha hora habitual de almoço há muito que passara.

— Obrigado — disse ele. — Agradavelmente preciso.

— O que quer dizer com isso? — questionei. Virou-se lentamente, varrendo as águas escuras com o olhar.

— O gelo é suficientemente forte para aguentar peso apenas em determinados pontos e em certos momentos do dia. O nosso assassino sabia precisamente onde e quando.

— Então, tem uma ideia de como foi executado o crime? — questionei.

— Oh, se tenho — respondeu. — Só que interessa-me mais o *porquê*, e para isso temos de buscar respostas noutro local.

Senti um certo desânimo. Nascido da experiência de demasiadas expedições como esta ao lado dele.

Olhou para longe.

— Venha. Temos um longo caminho a percorrer.

Dito aquilo, regressou à margem, embora, para minha desgraça, para longe da Casa Torrance e do calor que lá poderia aguardar-nos.